

Mendicância vira profissão

Centenas de pessoas pedem esmolas nas ruas e ganham mais que muitos trabalhadores

Paulo Henrique

Irleide Pereira Figueiredo, 39 anos, tem a imagem típica do mendigo. Todos os dias — menos aos domingos — é possível encontrá-la na Rodoviária do Plano Piloto em plena atividade. Em torno de 9h00, ela chega e encontra um local estratégico, onde possa se sentar e colocar à mostra uma pequena placa de madeira com uma cartolina fixada. O texto fala das suas dificuldades em sobreviver e pede ajuda aos "caridosos" de plantão. Ao final do dia, Irleide, que possui dois filhos e o pai é motorista da Viplan, volta para casa com pelo menos Cr\$ 5 mil nos bolsos. O balanço de um mês de atividade indica uma renda de no mínimo Cr\$ 130 mil. O salário ganho pela grande maioria da população brasileira, em dezembro, era de Cr\$ 63 mil, incluindo um abono de Cr\$ 21 mil.

O caso de Irleide é o mesmo de centenas de outras pessoas que estão transformando o ato de pedir em uma maneira de ganhar a vida, mais rentável até que a de várias profissões, como empregada doméstica, professor, motorista e outras. A Delegacia de Costumes e Diversões Públicas (DCDP) calcula que pelo menos 300 pessoas sobrevivem às custas da caridade alheia no DF. O delegado Carlos Augusto da Silva se diz espantado com o crescimento do número de mendigos em Brasília e alerta para a profissionalização da mendicância. "A situação atual não tem comparação com a de anos anteriores. Antes, os pedintes eram encontrados apenas em alguns pontos da cidade, hoje eles são figuras tradicionais", argumenta.

Saída

Apelar para a caridade das pessoas é o caminho encontrado por aqueles que se dizem vítimas da sociedade. Todos alegam que procuram emprego e não conseguem encontrar ou possuem alguma doença que os impeça de trabalhar. Boa parte dos pedintes também se constitui de migrantes, que já eram mendigos em suas cidades de origem e, chegando a Brasília, passam a exercer a mesma atividade. De acordo com a secretária da Ação Social, Maria do Barro, comportamentos deste tipo são facilmente encontrados em Brasília.

Porém, toda a discussão em torno do problema da mendicância cresce quando se constata que muitos deles têm renda superior a de muitos brasileiros com carteira de trabalho assinada. "Não se trata de fantasia. Tem gente que consegue ganhar um bom dinheiro pedindo em locais de movimento e em épocas como o Natal", conta a assistente social e organizadora do 1º Encontro de Mendigos do Distrito Federal, Sélvora Madeleine de Castro da Costa. "Para eles, o que fazem se constitui em um trabalho", completa.

Os próprios pedintes contam histórias acerca de "colegas que

enriqueceram no último Natal". O ex-lavrador Domingos Ferreira da Silva, 65 anos, lembra de "uma mulher que veio de Goiânia no mês passado e, perto do dia 25 de dezembro, já tinha juntado quase Cr\$ 2 milhões". Ele não se constringe ao comentar sua situação de pedinte. Sentado junto a uma das pilstras da plataforma superior da Rodoviária, diz que optou por este caminho por ter como renda apenas uma aposentadoria do Funrural. "Para não morrer de fome e ajudar minha família peço uma ajudinha a quem passa por aqui". Contudo, Domingos, que tem uma de suas pernas amputada e possui oito filhos, critica seus "companheiros": "ser mendigo não significa ser sujeito". Vestindo um terno cinza, ele volta ao "trabalho" e diz que de 8h00 às 18h00 consegue arrecadar perto de Cr\$ 6 mil.

Família

A ex-lavadeira sergipana Maria Lúcia Gonçalves, 40 anos, é outra figura comum entre os mendigos da Rodoviária. Ela sempre fica próximo do guarda-volumes em companhia de quatro crianças, que a ajudam pedindo aos passageiros dos ônibus que partem do lugar. Segundo ela, o grupo consegue obter cerca de Cr\$ 10 mil ao final do dia. O cálculo mensal indica um salário de Cr\$ 260 mil, em média. Quando se fala em trabalho, Maria Lúcia diz que não pode. "Tenho uma mão dormente e a água de Brasília é muita fria para lavar roupa", justifica-se ela. Enquanto isto, diz sonhar com o retorno para sua terra junto com a família.

O artesão Antônio César de Souza, 32 anos, sua mulher e os quatro filhos também anseiam para retornar à Paraíba. A história é a mesma de centenas de outros migrantes: a família veio para Brasília atrás de um lote e de um emprego para o chefe da casa. Sonhos desfeitos, a solução foi acampar na Rodoviária do Plano e esperar a ajuda dos "piedosos". A alimentação vem dos restaurantes e bares das redondezas, que sempre fornecem uma quentinha para as crianças. Os ganhos em dinheiro chegam a Cr\$ 4 mil por dia. "Acho que não tenho muita sorte. Outras mulheres com crianças ganham muito mais do que eu", conta Socorro, a esposa de Antônio, que está grávida de oito meses.

Ele diz que não gosta de pedir. "Quando vou falar vem um nó na garganta que não deixa a voz sair", ressalta. Contudo, fala que muitos mendigos da Rodoviária o estimulam a fazer isto. "Tem muita gente que eu conheço que tira uns Cr\$ 20 mil por dia. Inclusive, há pessoas que falam para a gente fazer a mesma coisa". A secretária da Ação Social, Maria do Barro, tem uma visão ácida da história contada por Antônio César e por vários outros mendigos que vivem em Brasília. "A mendicância profissional é uma realidade em todas as grandes cidades e a nossa não é uma exceção", diz ela.



Irleide Pereira diz que não pode trabalhar e por isso caiu na mendicância. Sua renda mensal chega a Cr\$ 130 mil



Domingos completa aposentadoria com caridade



José e Hélio Gomes: cegos, músicos e pedintes



Wellington é o típico sanfoneiro cego da rodoviária, mas não se disfarça e nem toca blues

Música e esmola unem três cegos

Os irmãos Hélio, José e Wellington Gomes Curado sobrevivem da ajuda da população de Brasília há mais de 15 anos, segundo eles próprios. Os três são cegos desde o nascimento, mas desenvolveram incríveis aptidões musicais que lhes permitem tocar bem instrumentos como o violão e o acordeon. Eles podem ser vistos todos os dias nas proximidades do Conjunto Nacional e da Rodoviária do Plano Piloto. Com o dinheiro que apuram ao final de um dia de "trabalho", os "músicos-pedintes" sustentam suas famílias.

De acordo com José Gomes, 51 anos, há dias em que os três juntos apuram cerca de Cr\$ 20 mil. "Porém, nem todos os dias são assim. Já houve ocasiões em que voltei para casa com apenas Cr\$ 600,00", reclama ele. Acompanhado do irmão Hélio, 55 anos, e da cunhada, estava antes das 11h00 na entrada da passarela superior da Rodoviária tocando animadamente uma música sertaneja, o ritmo preferido do grupo. "Somos pobres que contamos apenas com o apoio dos pobres para continuar na vida", relata Hélio com ironia.

A mulher de Wellington, Ivaneide, afirma que é difícil sobreviver da caridade das pessoas hoje em dia. Segundo ela, a população tem-se tornado menos generosa em suas doações. Ela e o marido vivem em Luziânia (GO) e, diariamente, vêm de ônibus para a Rodoviária, onde se encontram com seus parentes para começarem a vida diária. "O problema é que se ganha pouco e se tem que gastar tudo com as nossas necessidades", observa ela, dizendo que o que apurassem nodia seria usado na compra de alguns gêneros para a cozinha de sua casa.

Procurando se protegerem do forte sol, os três, em pontos estratégicos do centro de Brasília, iniciam suas atividades, cantando composições de duplas famosas, como Chitãozinho e Xororó e Leonardo e Leonardo. Os primeiros resultados começam logo a aparecer. Em alguns momentos se forma uma pequena roda que admira a arte de quem não tem quase nada, a não ser o talento. De prático, caem as contribuições. São notas pequenas — entre Cr\$ 100 e Cr\$ 200 — que enchem pequenas caixas de papelão colocadas à frente de cada um dos três. Ao final da tarde, eles se recolhem, contam o dinheiro e retornam para casa. (P.H.)